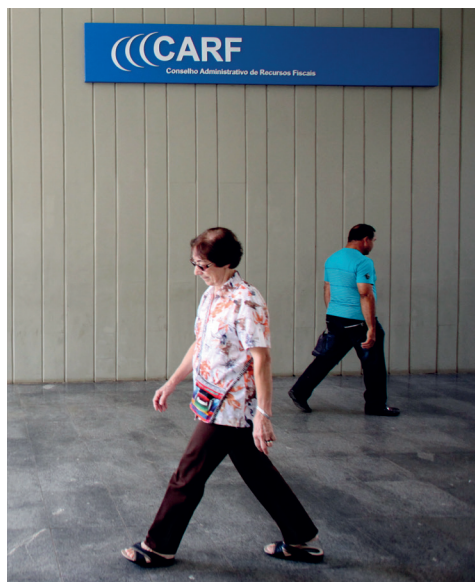


Justiça/ O fim melancólico da Zelotes

Como uma investigação importante se transformou em armação político-partidária

Desvirtuada para engrossar a campanha midiática e política a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff e da prisão de Lula, a Operação Zelotes chega ao fim de forma melancólica – desmontada e inconclusa. Perdeu-se uma oportunidade, pois o objetivo original, investigar pagamentos de propina a integrantes do Conselho de Recursos Fiscais, se cumprido à risca, teria permitido ao Ministério Público desvendar os mais graves casos de corrupção no Brasil, ligados à reiterada sonegação de impostos.

Em vez de se concentrar nas denúncias reais, as jogadas no conselho para anular multas bilionárias aplicadas pela Receita Federal que beneficiaram, sobretudo, os bancos, os investigadores preferiram lançar factoides para atingir Lula. Atuaram como um braço da Lava Jato.



O mais notório escândalo foi a tentativa canhestra de denunciar o ex-presidente por supostamente favorecer os fabricantes suecos do Gripen na licitação dos caças para a Força Aérea Brasileira, um processo de licitação transparente decidido pelo comando da Aeronáutica. À época, os procuradores tentaram provar que os suecos obtiveram o contrato após patrocinar um evento esportivo de pequena monta organizado por um dos filhos de Lula.

A atuação escancaradamente partidária do Ministério Público do Distrito Federal desmoralizou a operação, que morre sem deixar resultados ou saudade.



“Esquálido” vira réu

O ex-senador Edison Lobão, o filho Márcio, a nora Marta e outros três acusados viraram réus por suposto recebimento de propina no valor de 2,8 milhões de reais em troca de contratos na construção da Usina de Belo Monte. Os pagamentos estariam registrados nas planilhas da construtora Odebrecht. Lobão era definido como “esquálido”. A defesa do ex-senador e ex-ministro de Minas e Energia afirma que a investigação se “lastreia unicamente nas palavras dos delatores” e que “essa estratégia está sendo desmoralizada pelos fatos que estão vindo à tona diuturnamente”.

Diplomacia/ QUEM TEM MEDO DE WASHINGTON?

O STF OBRIGA A PETROBRAS A ABASTECER NAVIOS IRANIANOS ANCORADOS NO PARANÁ



Bolsonaro queria seguir o mestre

Como se não houvesse nada mais importante a fazer, o Brasil meteu-se em outro conflito internacional apenas para demonstrar um alinhamento automático com os Estados Unidos. Coube ao Supremo Tribunal Federal desfazer o mal-estar diplomático. Na quinta-feira 25, o ministro Dias Toffoli mandou a Petrobras abastecer dois

navios iranianos, um deles carregado com 50 mil toneladas de milho e outro à espera para receber 66 mil toneladas, que estão parados no Porto de Paranaguá. Por ordem do governo, a Petrobras recusava-se a fornecer combustível para as embarcações por medo das sanções internacionais impostas por Washington, em queda de braço com

o governo iraniano.

Os navios trouxeram ureia, um insumo para fertilizantes, e levariam o milho em troca. O impasse mobilizou diplomatas e militares, preocupados com sanções econômicas e até com a possibilidade de o Brasil virar alvo de grupos terroristas.

O custo da cegueira ideológica do Itamaraty aumenta a cada dia.



A Semana

Multa bilionária ao Facebook

O Facebook obteve um acordo com a Comissão de Comércio dos Estados Unidos. A rede social de Mark Zuckerberg vai pagar 5 bilhões de dólares, multa recorde, para encerrar a investigação sobre suas práticas de privacidade. O acordo ainda precisa ser homologado pela Justiça. Integrantes do Partido Democrata criticaram as condições do acerto. Segundo Rohit Chopra, comissário da legenda no órgão, a pena dá imunidade ao Facebook, não estabelece “restrições reais ao modelo de negócios” nem “conserta os principais problemas que levaram às violações” dos dados dos usuários.

Reino Unido/ Outro maluco no pedaço

Mais um populista de direita desponta no cenário: Boris Johnson, o novo *premier* britânico

Fervoroso defensor do Brexit, Boris Johnson foi eleito, na terça-feira 23, sucessor de Theresa May na liderança do Partido Conservador e, por consequência, na chefia do governo britânico. Ex-prefeito de Londres, ele prometeu conduzir o Reino Unido para fora da União Europeia até 31 de outubro, com ou sem acordo. Acabou amealhando dois terços dos votos válidos.

Antes de se dedicar à política, Johnson atuou como jornalista e teve uma carreira marcada por escândalos. Foi demitido do *Times*, seu primeiro emprego, após inventar a declaração de um historiador. Depois, passou pelas redações do *Daily Telegraph* e da revista conservadora *The Spectator*, sempre com um pendor sensacionalista.

Na cena política, comentaristas divertiam-se com suas excentricidades, entre elas a lendária impontualidade e os cabelos



desgrenhados. Garoto-propaganda do *leave* (*sair*) no referendo sobre a permanência do país na União Europeia, em 2016, causou assombro ao se referir a homossexuais como “*bumboys*” (*bum*, em inglês, é usado para se referir tanto às nádegas quanto aos vagabundos) e quando declarou que muçulmanas usando o véu que deixa só os olhos à vista pareciam “caixas de correio”.

Como resumiu o jornal francês *Libération*, Johnson deve unir-se aos presidentes Jair Bolsonaro, do Brasil, e Donald Trump, dos EUA, como mais um “doido no cenário internacional” a “assumir os destinos de um grande país”.



Hong Kong/ INDEPENDÊNCIA OU MORTE?

OS PROTESTOS CONTRA O DOMÍNIO CHINÊS DESCAMBAM PARA A VIOLÊNCIA

No sétimo fim de semana consecutivo de protestos contra o governo chinês, um grupo de homens vestidos de branco e armados com paus e barras de metal espancou dezenas de militantes em uma estação de metrô de Hong Kong, deixando mais de 40 feridos, cinco em estado grave. Os manifestantes retornavam de um ato realizado no

centro da região administrativa especial.

Em uma das piores crises de sua história recente, Hong Kong tem sido sacudida por incontáveis marchas, que vez por outra terminam em confrontos com policiais. Inicialmente, os protestos repudiavam um projeto de lei que pretendia autorizar extradições para a China

continental. A proposta foi suspensa, mas o movimento ampliou a pauta. Passou a reivindicar o sufrágio universal e a suspensão das restrições à liberdade no território semiautônomo. A governadora Carrie Lam critica a forma como os atos têm transcorrido: “A violência só dá origem a mais violência e quem sofre é o povo de Hong Kong”.

LEON NEAL/AFP E LAUREL CHOR/AFP

